

AS FÉRIAS
DA MINHA
VIDA

CLARA SAVELLI

AS FÉRIAS
DA MINHA
VIDA



Copyright © 2019 Clara Savelli

Publicado mediante acordo com Increasy Consultoria Literária

REVISÃO

Juliana Souza
Luciana Ferreira
Ilana Goldfeld

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE MIOLO

Aura Art / Shutterstock

DESIGN DE CAPA

Renata Vidal

IMAGENS DE CAPA

Adaptação da ilustração de Vetreno / Shutterstock (frente)
Miu Miu / Creative Market (orelha)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S277f

Savelli, Clara, 1991-

As férias da minha vida / Clara Savelli. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2019.

336 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-510-0517-0

1. Romance brasileiro. I. Título.

19-56774

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

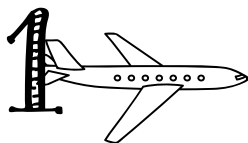
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Brenda entrou no avião com sua mochila gigantesca da Barbie esbarbando em todos os passageiros sentados nas poltronas do corredor. Para alguém tão baixinha e graciosa, era estranho que não tivesse controle sobre o próprio corpo. Acho que era o preço que se pagava por ainda usar uma mochila da Barbie aos quinze anos. A mochila cheia demais a deixava instável, o que fazia com que ela batesse de um lado e do outro enquanto andávamos até nossos lugares.

Como estávamos logo no início da fila de embarque, entramos rápido no avião. Ainda estava mais ou menos vazio. Só esse fato impediu Brenda de fazer mais vítimas. Levar uma mochilada talvez não fosse fatal, mas com certeza não seria uma boa forma de começar as férias. As reclamações e os olhares tortos que recebemos no nosso curto trajeto me fizeram crer que as vítimas concordavam comigo.

— Ai, garota, presta atenção — repreendeu Vivi, sua irmã mais velha, logo atrás dela. — Não percebeu que você está esbarrando em todo mundo?

— Ai, meu Deus, desculpa — disse Brenda, puxando a mochila para a frente do corpo.

— Deixa sua irmã em paz — comentou Cecília, a tia mais velha e meio louca das duas, seguindo as sobrinhas pelo corredor estreito. — Ela não fez por mal.

— Chegamos! — falei quase berrando, cheia de alívio, quando vi a fileira 23. — Nossos lugares são aqui.

O avião tinha dois lados, com fileiras de três cadeiras em cada um deles. Vivi, Brenda e eu íamos nos sentar nas cadeiras de um lado e Cecília na

ponta do outro. Na atual circunstância, eu estava quase pedindo para trocar de lugar com ela. Ter um corredor de distância das irmãs não me parecia má ideia.

Cecília tentou nos ajudar a guardar as malas de mão e mochilas no bagageiro, mas, como eu era a mais alta das quatro, acabei fazendo tudo. É claro que também acabei ajudando Cecília a colocar a própria mala no bagageiro. Tínhamos bloqueado a passagem das pessoas, que esperavam com impaciência aquela confusão acabar para seguir até seus lugares, que ficavam depois dos nossos. Mas ninguém ousou reclamar. Talvez estivessem com medo da famigerada mochila de Brenda.

Quando achei que finalmente me sentaria e me recuperaria de toda aquela vergonha, Brenda me fez pegar a bendita mochila, que eu já havia guardado no bagageiro em uma verdadeira partida de Tetris. Ela disse que queria pegar “algumas coisinhas”. “Algumas coisinhas” eram, na verdade, *um monte de tralhas*: o leitor de e-book, os fones de ouvido, a bolsinha de remédios (porque “vai que alguém precisa”), o celular, a almofadinha de pescoço, uma máscara para cobrir os olhos e tampões de ouvido. Ela sacou a ecobag que tinha trazido dobrada e colocou tudo ali dentro, então eu guardei a mochila de volta quase vazia. Ser a responsável por guardar ou pegar as coisas que ficavam no alto fazia parte das desvantagens de ter quase um metro e oitenta de altura, acho. Mas também tinha suas vantagens. Não que eu conseguisse pensar em qualquer uma delas naquele momento.

Finalmente o tormento acabou e, para alívio de todos os passageiros que ainda estavam assistindo àquele show, Brenda entrou na nossa fileira correndo com sua ecobag lotada e se sentou perto da janela, com o rabo de cavalo balançando. O cabelo dela quase sempre ficava preso em um rabo de cavalo alto e fazia aquelas adoráveis ondas na pontinha.

Cecília viu que a situação já estava mais ou menos sob controle e se sentou no assento do corredor, agarrando seu inseparável celular e o carregador (ficar sem bateria era seu pior pesadelo). Acho que eu nunca tinha visto Cecília sem o aparelho na mão, e, normalmente, a tela exibia algum aplicativo de relacionamentos. Seus *matches* eram constantes, porque não havia um ser nesse mundo que não achasse Cecília deslumbrante. Seus cabelos cacheados já tinham estampado muitos editoriais de moda quando ela trabalhava como modelo. Agora era formada em marketing e fazia tra-

balhos de marketing digital como freelancer, mas sua atividade favorita era partir corações. Ela era avassaladora e passava feito um furacão na vida dos homens que tinham a sorte (e depois o azar) de cruzar seu caminho.

Vivi estava começando a entrar na fileira para se sentar na cadeira do meio quando eu a segurei pelo ombro.

— Nada disso — falei, me enfiando na frente dela. — Se você sentar do lado da sua irmã eu não vou ter um segundo de paz nessa viagem.

— Que exagerada! — reclamou Vivi.

Mesmo assim, ela me deixou passar. Juro que ouvi um suspiro aliviado dos passageiros em pé atrás de nós quando, por fim, estávamos todas sentadas.

— Quem falou que você ia na janela, hein? — implicou Vivi, tentando chamar a atenção de Brenda. — *Eu* queria ir na janela.

— Vou ver as praias do Caribe antes de você — rebateu a irmã mais nova, mostrando a língua.

Eu não tenho irmãos e sempre me lamentei por isso, mas, se fosse para ter uma irmã e viver brigando que nem a Vivi e a Brenda, eu preferiria continuar sendo filha única, muito obrigada. A maneira como uma tratava a outra explicava o porquê de eu ter que me sentar entre as duas. Elas eram incapazes de ficar cinco minutos sem um arranca-rabo e, por isso, naquele avião — e muitas vezes na vida —, cabia a mim tentar manter a paz.

Eu alimentava grandes expectativas em relação àquela viagem e não ia deixar a implicância dessas duas me atrapalhar. Aquela era minha viagem de quinze anos atrasada. Minha e da Vivi. Na verdade, tínhamos feito quinze anos dois anos antes e, na época, programamos viajar juntas para celebrar essa data única. O problema era que os pais da Vivi tinham uma condição para deixar essa viagem acontecer: teríamos que esperar a Brenda completar quinze anos também. Dois anos se passaram, e finalmente o dia chegou. Duas marmanjas de dezessete (mentira, Vivi ainda não tinha dezessete, mas só faltavam alguns meses para o aniversário dela) viajando para comemorar os quinze anos com a Brenda, que tinha acabado de fazer aniversário.

Ela parecia uma criancinha, de tanto que quicava na poltrona e apertava os botões o tempo todo. Já tinha descido e subido seu assento umas vinte vezes naquele curto intervalo e não parava de falar sobre como tudo aquilo era *muito* legal. Com uma ênfase longa e desnecessária no *u*.

— Isso é *muuuuuuuuito* legal — falou ela mais uma vez, abaixando e levantando a mesinha. — Não é, Ísis?

Eu assenti. Até concordava que era tudo *muuuuuuuuito* legal mesmo, mas não ia passar vergonha dando a entender para os outros passageiros que era minha primeira viagem de avião. Mesmo que fosse. Quer dizer, mais ou menos. No Rio de Janeiro, pegamos o avião para Atlanta, onde fizemos uma conexão, e agora estávamos devidamente acomodadas na outra aeronave que nos levaria ao destino final. Em teoria era minha *segunda* viagem, mas isso não mudava o fato de que eu continuava muito animada. Tudo era incrível, mas tão apertado! Mal tinha espaço para minhas pernas longas. Ainda que tudo fosse novidade, eu estava focada em manter a compostura.

— Sossega, Brenda — brigou Vivi, se pendurando por cima de mim para encarar a irmã. — Daqui a pouco nem a Ísis, que é uma santa, vai te aguentar.

Vivi estava sempre menosprezando a irmã mais nova e a excluindo de nossas conversas e nossos programas. Eu sentia pena e tentava incluí-la, por isso minha amiga me considerava “uma santa”. Brenda era praticamente minha irmã emprestada, o que não significava que era fácil conviver com ela.

Brenda deu de ombros, levantou o queixo proeminente com orgulho e pegou seu leitor de e-book dentro da ecobag. Eu sabia que ela estava lendo algum livro novo do mesmo autor da série daquele garoto Percy Jackson. Ou talvez ela estivesse *relendo* Percy Jackson, de tanto que era fã do escritor. Esse cara era um dos seus autores favoritos e, por influência dela, eu também já tinha lido a série. Vivi, por outro lado, se contentou em assistir aos filmes — para total horror da irmã mais nova. Brenda continuou acompanhando todos os lançamentos do cara, mas, em algum momento, eu me perdi. Eram muitos livros mesmo!

Achei que finalmente conseguiria descansar, já que quando Brenda estava lendo costumava ficar mais quieta. O embarque estava quase no final e em breve decolaríamos. Infelizmente, Vivi não tinha os mesmos planos que eu, ou seja, nada de descansar. Aproveitou a distração da irmã para começar a desabafar sobre sua última paixonite que tinha dado errado (como sempre).

— Você acredita que o Renato teve o disparate de me mandar mensagem? — reclamou ela, agitando o celular na minha cara. Ela balançava a

cabeça em negação, os cabelos castanhos com mechas loiras esvoaçando. — Não dá para acreditar na cara de pau dele.

Suspirei, me encolhendo na cadeira. Todos os amores de Vivi acabavam em decepção em algum momento, mas, sinceramente, ela era a única que ainda esperava algo diferente. Até Brenda concordava comigo quando eu tentava alertar que eles não valiam nem o ar que respiravam. Cara lixo era cara lixo, mas minha amiga parecia acreditar que tinha uma vocação ambiental: tentava transformar os maiores lixos do mundo em algo que prestasse. Ela não via nada de ruim nos garotos e ainda reclamava comigo toda vez que eu tentava apontar sinais de que havia algo *muito* errado. Dizia que eu estava tentando “boicotar seus relacionamentos”, quando, na verdade, só queria o bem dela.

— Sossega, Viviane. — A voz de Brenda interrompeu Vivi bem no instante em que ela ia reclamar de mais alguma coisa. — Assim nem a Ísis, que é uma santa, vai te aguentar.

Eu contive uma risada, olhando de soslaio para Brenda, que nem sequer tinha tirado os olhos do livro em seu leitor. Cecília também olhava na nossa direção com um sorrisinho cúmplice. Ela já estava com o aplicativo de relacionamentos aberto e, de alguma maneira, tentava conseguir seus *matches* mesmo dentro do avião. Coitados daqueles homens. Nem veriam o furacão de cabelos hidratados e cílios longos que os assolaria. Vivi abriu a boca para reclamar, porém mais uma vez foi interrompida, agora pelo comandante. Sorri, satisfeita, quando ele avisou que aquele era o voo 543 com destino à República Dominicana. Avisou também que o embarque estava encerrado e que íamos começar com os procedimentos de decolagem.

— Você acha que eu devo responder? — perguntou Vivi, olhando para o celular e para a mensagem do dito-cujo. — Preciso resolver rápido porque estou ficando sem bateria.

Seus olhos castanhos brilhavam, e eu soube que precisava me manifestar antes que ocorresse um alerta de lágrimas. É claro que podia ser só impressão. Vivi precisava usar óculos, mas, vaidosa como era, não usava e vivia estreitando os olhos para tentar enxergar as coisas.

— Ih, amiga, você não ouviu? — respondi, puxando o celular da mão dela. — Vão começar os procedimentos de decolagem, você tem que desligar o celular.

— Se você não desligar e nosso avião cair, Viviane... — ameaçou Brenda, levantando os olhos do leitor para encarar a irmã de forma ameaçadora.

— Você viu *Lost* demais, Brenda — provocou Vivi, revirando os olhos.

— Em *Lost* o avião não caiu por causa do celular — rebateu Brenda, parecendo entediada. — Você saberia disso se tivesse visto a série, como eu sugeri mil vezes... — Ela suspirou, dramática. — Mas não... você só quer saber de ficar assistindo aos mesmos episódios de *Gossip Girl*.

— De qualquer maneira, não vamos correr riscos — interrompi as duas, esticando as mãos com as palmas viradas para cima. — Podem ir me dando os celulares.

A contragosto, elas me deram os aparelhos e eu desliguei os três — os delas e o meu. Vivi começou a prestar atenção nas instruções de segurança e Brenda também estava atenta, piscando os olhinhos verdes. Só Cecília ignorava, enfiando os fones de ouvido. Pelo jeito não poderíamos contar com a única adulta para nos dar orientações caso sofrêssemos algum acidente. Se tudo desse errado, pelo menos Brenda era especialista em formas de sobrevivência em ilhas desconhecidas, uma extensa formação baseada nas seis temporadas de *Lost*, que ela tinha visto mais de uma vez.

Era surpreendente que meus pais tivessem me deixado viajar tendo Cecília como responsável. Ela era a tia mais nova de Brenda e Vivi, e não tinha nem trinta anos. Eles se arrependeriam da decisão naquele segundo, se pudessem vê-la analisando todo o avião em busca de alguma presa, agora que não tinha mais o alento do celular.

Tentei prestar atenção nas instruções de segurança, mas estava com a cabeça nas nuvens. República Dominicana! O paraíso! Eu fechava os olhos e quase conseguia ignorar as três quando pensava nas praias paradisíacas, nos belos drinques e homens mais bonitos ainda. Toda vez que eu questionava minha decisão de encarar essa viagem com três malucas, me lembrava das fotos que tinha visto na internet. Paraíso descrevia bem as imagens. Era uma ótima maneira de começar meu novo ano!

— Sabe o que seria melhor? Estar a caminho da Disney — disse Brenda, desligando o leitor de e-book e fazendo bico.

Esse também era um assunto recorrente. Tão recorrente quanto os amores e as decepções de Vivi. Suspirei, exausta daquilo. Nós tínhamos pensado em ir para a Disney. Muitas colegas foram para lá quando completaram

quinze anos e, na época, ficamos superanimadas também. O problema era que agora, dois anos depois dos nossos quinze anos, Vivi não estava mais interessada em passear na terra do Mickey.

— Disney é coisa de criancinha — argumentou ela, esticando-se por cima de mim, para mostrar a língua para a irmã.

Pelo jeito ir para a Disney era coisa de criancinha, mas mostrar a língua para a irmã mais nova era coisa de gente *madura*.

— Parem com isso vocês duas!

Empurrei Vivi e contive a fúria de Brenda, que já estava se esticando na poltrona para dar um peteleco na irmã. Além da situação com Vivi e seu preconceito com o pobre Mickey, estava mais em conta viajar para Punta Cana do que para Orlando. Os pacotes estavam supercompetitivos e o valor para o nosso período de viagem era imperdível. Pelo menos foi isso que Cecília havia dito quando apresentou a proposta para os meus pais, como nossa “adulta responsável”. Olhando agora, Cecília claramente era uma péssima opção para cuidar de três adolescentes durante um mês inteiro no Caribe. Por sorte, naquele dia ela estava perfeitamente apresentável e passou muita credibilidade. Tanta que agora eu estava *dentro do avião decolando* e isso era *incrível*.

Meus pais eram tão paranoicos que nem me deixavam ter um cachorro. A gente tentou adotar um certa vez, mas espirrei tanto depois que saímos do abrigo e levamos o cachorro para casa que tivemos que sair de lá direto para a emergência e pedir para a nossa vizinha adotar o bichinho (pelo menos eu ainda o vejo nos corredores).

Descobri desde cedo que era *atópica*. Ou seja, sofro de uma tendência hereditária a desenvolver manifestações alérgicas. Basicamente, isso significa que não sou alérgica a nada em especial, mas, ao mesmo tempo, posso ser alérgica a tudo. Em bom português: sou *hipersensível*. Isso foi motivo suficiente para os meus pais se tornarem *hiperparanoicos* e um pouquinho (muito!) superprotetores.

Por isso, não dava para acreditar que eles tinham concordado com aquela viagem e que não haviam mudado de ideia em *nenhum momento*. Assinaram todos os documentos necessários, ajudaram a fazer a mala cheia de biquínis e desejaram (inúmeras vezes) que eu me divertisse muito. No entanto, também enfiaram na minha mala um “kit médico de emergência” gi-

gantesco, com tantos remédios que eu poderia virar traficante internacional. A quantidade de filtro solar fator 60 que minha mãe me fez trazer era capaz de despertar suspeita em qualquer agente da alfândega. Minha pele também era hipersensível, e se eu não tomasse muito cuidado, poderia estragar minhas férias inteiras em apenas um dia de sol. Eu nunca ia conseguir um visual de praia. Vivi e Brenda eram bronzeadérrimas e, quando pegavam sol, pareciam até ter um brilho próprio. Já eu parecia só um tomate mesmo.

— Faltam poucas horas para Punta Cana — cantarolou Vivi ao meu lado, agitando maracas imaginárias.

— Que maracas são essas? — Brenda riu do meu lado. — Está achando que Punta Cana é no México?

Vivi repetiu a mímica das maracas.

— Não é não, sua burra! — implicou Brenda.

— Ah, cala a boca! — reclamou Vivi.

Eu me encolhi na poltrona do avião, fechando os olhos e focando nas praias que me aguardavam. Engraçado estar tão ansiosa, visto que nenhuma de nós tinha ficado muito empolgada quando Cecília surgiu com o assunto pela primeira vez, especialmente Brenda, que queria muito ir para a Disney (e ainda não tinha superado o fato de termos desistido). Ela só parou de reclamar quando Cecília mostrou uma foto da República Dominicana no computador da Vivi. Uma foto de Punta Cana, a área turística onde ficavam os resorts e para onde estávamos indo. No final da galeria de fotos, Vivi e eu já tínhamos embarcado totalmente na ideia. Brenda ainda continuava um pouco dividida, mas parecia bem mais animada. Ela só voltou a reclamar quando fomos tirar o visto americano, por conta da nossa escala em Atlanta. Tivemos que ouvir um pouco mais da ladainha da Disney (“Já temos até visto de turista, por que não podemos ir para a Disney?”).

Viviane e Brenda continuavam gritando, uma de cada lado do meu assento. Os passageiros ao redor começaram a olhar torto de novo.

— Meu Deus, como eu queria uma cerveja. — Ouvi Cecília reclamar por cima de toda aquela agitação. — Vou tomar umas cinco quando chegarmos ao resort.

O resort era *all inclusive*, ou seja, comida e bebida à vontade! E se tinha alguém que ia se esbaldar no open bar, era Cecília. Até porque nós três não podíamos beber. A parte boa é que, segundo minhas pesquisas, eles faziam

drinques não alcóolicos também, o que me deixava mais feliz. Naquele momento eu sonhava com um *mojito* sem álcool. Ou fones de ouvido como os da Cecília. Um livro. Qualquer coisa que me tirasse do meio daquela confusão e me ajudasse a focar no lado bom da viagem. Mas eu tinha deixado tudo na mochila e, até o avião estabilizar, não poderia me levantar.

Respirei fundo, fechando os olhos e tentando não perder o bom humor nem o foco no destino final. *Um mês*. Um mês no paraíso. Não dava para entender como meus pais haviam concordado com aquilo, mas já que tinham aprovado eu iria aproveitar *ao máximo*.

— Vocês não vão tirar minha paz, ouviram? — reclamei, agitando o dedo na cara de uma e depois na da outra. — Tratem de aproveitar a viagem ou vou trocar a senha da Netflix!

Como as duas parasitas usavam minha conta para assistir a séries e filmes, a ameaça fez com que ficassem quietas. Cada uma delas virou para o lado, cruzando os braços. Relaxei os meus, apoiando-os em cima da coxa e dando um suspiro. Essas praias tinham que ser mesmo *incríveis* e esse *mojito muuuuuuuuito* bom (como diria a Brenda) para compensar aquilo tudo!